



Editorial

Apresentar a variedade de temas com os quais lidam antropólogos do Brasil e do exterior é um dos principais objetivos de nosso trabalho como editores de uma revista criada e conduzida por alunos de pós-graduação.

O presente número traz artigos de autores ligados a programas de pós-graduação na área das ciências sociais situados em diversas regiões do país. As contribuições aqui apresentadas contemplam múltiplos temas para os quais o interesse antropológico pode ser dirigido.

A *Cadernos de Campo* tem procurado, através de seus artigos, entrevistas, traduções e ensaios, revelar a produção antropológica contemporânea brasileira e estabelecer canais de diálogo entre a pesquisa antropológica e outras áreas do conhecimento. No ano de 2004, consolidando esse trabalho, a revista obteve nota A na avaliação do Qualis, reconhecimento que gostaríamos de partilhar com todos os nossos colaboradores, pareceristas e leitores. Para isso contamos com o apoio do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia da USP, que financia uma parte significativa do produto aqui apresentado – e da CAPES.

São seis os artigos que integram o número 12 da *Cadernos de Campo*. O primeiro deles, “Nova sociedade emergente: consumidores

de produtos ou produção discursiva?”, de Diana Nogueira de Oliveira Lima (PPGAS/Museu Nacional-UFRJ), trata dos hábitos e modos de vida de um segmento social de indivíduos de alto poder aquisitivo, moradores da Barra da Tijuca (Rio de Janeiro). O texto aborda os conflitos de representações em torno do grupo, classificado como “os emergentes”. Trata-se de um esforço no sentido de perceber como determinadas classificações são produzidas, difundidas ou assimiladas e quais os conflitos envolvidos nesse processo.

Em “Os peregrinos ecléticos cristãos”, Gláucia B. Rodrigues de Mello (pesquisadora da FAPERJ) apresenta dados de sua pesquisa de doutorado sobre o imaginário milenarista e da pesquisa de campo realizada em 2002, quando acompanhou a peregrinação junto à Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, na Cidade Eclética, no distrito de Santo Antonio do Descoberto, em Goiás.

A análise presente em “Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo”, de Luiz Fernando Rojo (PPCIS/UERJ), aponta para as críticas pós-modernas referentes à presença do autor em campo, refletindo sobre a elaboração da identidade do antropólogo frente ao grupo pesquisado. O artigo discute os impactos do envolvimento

amoroso do autor com uma interlocutora durante seu trabalho de campo, salientando as questões éticas da pesquisa antropológica.

“Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo” – de Marilda A. Menezes (PPGS/UFCG), Lídia Aires (UFPB) e Maria de Souza (PPGS/UFCE) – oferece uma discussão sobre o diálogo entre métodos e práticas de pesquisa em antropologia a partir da reflexão sobre as interações construídas, durante o trabalho de campo, entre as pesquisadoras e pessoas de três comunidades rurais do sertão da Paraíba, em um contexto de investigação sobre memória, identidade e oralidade. O artigo seguinte, de Guilherme José da Silva e Sá (PPGAS/Museu Nacional-UFRJ), “O altar no laboratório: a ciência e o sagrado no projeto genoma humano”, explora, partindo do Projeto Genoma Humano e utilizando o método da análise do discurso, o uso de metáforas religiosas nos discursos científicos e cientificistas internacionais acerca do tema, conduzindo sua reflexão para a relação mais ampla entre ciência e religião.

Por fim, o texto de Aristóteles Barcelos Neto (PPGAS/USP), “Processo criativo e apreciação estética no grafismo Wauja”, analisa a criação artística dos índios Wauja (povo arawak do Alto Xingu) a partir da agência criativa de seres extra-humanos, que fornecem, por meio de encontros oníricos de xamãs e doentes graves, o acesso aos padrões gráficos utilizados por esses índios. Tais encontros geram as variações de formas empregadas em pinturas de painéis rituais e

utensílios domésticos e conformam uma noção wauja de beleza relativa tanto ao controle e à reinvenção das fontes criativas extra-humanas quanto à inserção dos artefatos pintados nos circuitos rituais intra e inter-étnicos.

Nessa edição, a seção Artes da Vida traz o ensaio fotográfico “Dádivas da oleira navegante”, de Aristóteles Barcelos Neto, compondo um conjunto com o texto do mesmo autor. O tema são as painéis de cerâmica dos índios Wauja do Alto Xingu. O ensaio e o texto exploram, por meio de linguagens complementares, aspectos basilares da estética wauja.

A Tradução de Antonio Mauricio Dias da Costa (PPGAS/USP) do texto “The cerebral savage: on the work of Claude Lévi-Strauss”, de Clifford Geertz, vem preencher uma lacuna deixada pela edição brasileira de *The Interpretation of Cultures* e oferecer a profissionais da Antropologia, estudantes de graduação e de pós-graduação e ao público em geral uma versão em língua portuguesa desse valioso trabalho que representa uma leitura do interpretativismo sobre o estruturalismo. A apresentação da tradução é do professor John Cowart Dawsey (PPGAS/USP) que não só apresenta o texto de Geertz, mas também situa o debate deste com o trabalho de Lévi-Strauss.

Como disse Evans-Pritchard, “na ciência, como na vida, só se acha o que se procura”¹. Esperamos que os nossos leitores possam achar neste número o que de fato procuram: uma boa leitura.

1 In: DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1984.